

#5 | JANEIRO | 2010

BETAR & ARTES LETRAS

She Is a Femme Fatale

Exposição de artistas do sexo feminino. No CCB, a não perder

B}
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

**LANÇAMENTO
DA NOVA VERSÃO
DO GOA!**

A versão 9.0 estará
disponível em Outubro
de 2009

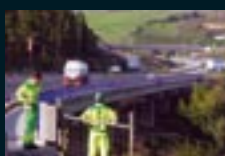
SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS 'OLHAR' PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Neste primeiro número de 2010, que sairá antes do Natal, cabe-me fazer de editor do nosso magazine de Artes e Letras, apresentando as sugestões dos nossos colaboradores e amigos para estes dias de festas e para o mês de Janeiro que se aproxima.

Começo pelas festas, em que todos teremos mais algum tempo para estar com as nossas famílias. A pensar nisso, incluímos um roteiro de espectáculos para crianças organizado pela Raquel Magalhães e pelo Sérgio Mártires, engenheiros de estruturas desta casa, pais de três e dois filhos, respectivamente, que assim nos deixam um conjunto de sugestões que vão desde a experiência da música jazz no CCB à descoberta de um Baú de Surpresas no Museu do Oriente, não esquecendo o teatro e o cinema.

Acontece também neste número uma estreia de alguém de fora na rubrica "Um livro da minha vida", na sequência do repto lançado em números anteriores, de abrir este espaço a todos os nossos leitores, aqui abraçado pela Maria João Carvalhão Duarte, arquitecta com a qual trabalhamos há muitos anos. Traz-nos um passeio pelas suas estantes, que é também um pouco da sua vida, começando pelas "Aventuras dos 5" da Enid Blyton, crescendo para os clássicos russos em "Guerra e Paz" de Tolstoi. Façam como a Maria João e enviem-nos textos com 2000 caracteres sobre filmes e livros das vossas vidas. Sugestões para novas rubricas, que pretendam apresentar, também são bem-vindas, como a visita ao Porto proposta pela Maria João.

A Maria do Carmo, engenheira responsável pelo nosso sector de Hidráulica, especialmente estimada por todos nós, traz-nos "O meu pé esquerdo" de Jim Sheridan, em "Um filme da minha vida". Temática que lhe é cara, abordada com grande sensibilidade, que nos ajudará a todos a entender as pessoas especiais através dos caminhos do coração.

José Mendonça lança-nos dois novos filmes em cartaz e um clássico de David Lean "Breve Encontro". Nos livros apresenta-nos "O dia antes da felicidade" de Erri de Luca e "O leitor" de Bernhard Schlink, recentemente adaptado para o cinema.

António Cabral volta com novas propostas da grande música. A sinfonia n.º 1, de Mahler, na Casa da Música e a primeira ópera de Alfredo Keil "Dona Branca", baseada em poema de Almeida Garrett, no Teatro Nacional de S. Carlos.

Temos ainda Tchaikovsky e Strauss no Coliseu dos Recreios, música e dança no CCB, exposições e teatro. Tudo na Betar Artes e Letras de Janeiro, para começar o ano de 2010.

Bom ano novo.

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

EDITORIAL

2009 está a chegar ao fim mas há ainda algumas estreias que não pode perder. E porque os anos passam mas os grandes êxitos permanecem intocáveis, veja, ou reveja, o clássico que lhe sugerimos.

NO GRANDE ECRÃ

Ne change rien Um ensaio sobre a criação artística



Título original: Ne change rien
De: Pedro Costa
Com: Jeanne Balibar
Género: Documentário, Musical
Classificação: M/12
Portugal, 2009, 97min

Os vários registos musicais de Jeanne Balibar captados através da percepção do realizador Pedro Costa. Neste filme, a actriz e cantora foi filmada durante três anos de reflexões, ensaios e actuações. A luz e som magistralmente captados, acompanham-na em sessões exaustivas de canto, que passam pelos mais variados registos musicais, do rock ao canto lírico. O resultado é um documentário intimista e revelador: “um dos mais belos filmes”, segundo as palavras da actriz, e aquele onde se reconhece “mais do que em qualquer outro”.

Rodado a preto e branco e com som directo, *Ne Change Rien* é uma sucessão de fragmentos impressionistas, um ensaio sobre a criação artística. Apresentado no festival de Cannes deste ano, *Ne Change Rien* apaixonou, entre outros, o *Cahiers du Cinéma* e o *New York Times*. É um filme fantástico, diferente de tudo, sempre visual e com um registo musical muito interessante.

Actividade Paranormal Um filme estranho e surpreendente



Título original: Paranormal Activity
De: Oren Peli
Com: Katie Featherston, Micah Sloat
Género: Thriller/Terror
Classificação: M/12
EUA, 2007, 86min

Um filme cuja acção acontece totalmente na casa do realizador Oren Peli, feito numa semana, com dois actores a interpretarem um jovem casal que, depois de mudar para o que aparenta ser a casa ideal para um bom início de vida, começam, cada dia que passa, a ser mais perturbados por estranhos eventos... Ela, que acredita na sobrenatural, diz que se trata uma presença do outro mundo; ele, céptico, desconfia dessa hipótese e resolve instalar uma câmara de vigilância para provar que nada disso é possível. À medida que a câmara roda, Katie torna-se cada vez mais distante, enquanto o fascínio de Micah se torna uma verdadeira obsessão. As gravações originais estão hoje guardadas na Polícia de San Diego...

Um filme estranho e surpreendente que prova como é possível fazer uma película interessante com muito pouco dinheiro e em muito pouco tempo. A simplicidade continua a render no cinema.

clássicos

Breve Encontro

Lean já tinha feito três adaptações da obra de Noel Coward quando começou *Breve Encontro*, baseado em *Still Life*, uma peça de um acto do autor inglês. Mas a brevidade desta, obrigou Lean a expandir o material e, ao fazê-lo, expandiu também o seu próprio vocabulário. Narrado em flashback, *Breve Encontro* acompanha o romance platónico entre a dona de casa Laura e o médico Alec, que sabem que o seu romance não pode passar de alguns almoços furtivos.

Ao dirigir um dos filmes mais sentimentais da história do cinema, Lean realizou uma série de progressos formais que depressa o estabeleceram como mais do que um tipo a aproveitar-se da fama de Coward. Para começar, Lean acrescentou mais pormenores ao romance malfadado e explorou todas as ferramentas cinematográficas à sua disposição: iluminação, efeitos sonoros, música e grandes planos dos olhos de Johnson, que contam uma história melhor que muitos guiões.



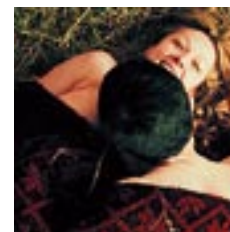
Título original: Brief Encounter
De: David Lean
Com: Celia Johnson, Trevor Howard
Género: Drama
Classificação: M/12
Reino Unido, 1946, 85min

EM DVD



Inimigos Públicos

Título original: Public Enemies
De: Michael Mann
Com: Johnny Depp, Christian Bale
Género: Acção/Drama
Classificação: M/16
EUA, 2009, 141min



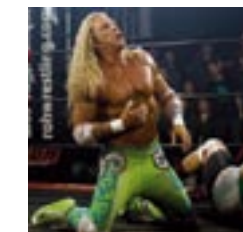
A Vida é um Milagre

Título original: Zivot je cudo
De: Emir Kusturica
Com: Slavko Stilmar, Nataša Solak, Vesna Trivalic
Género: Drama
Classificação: M/12
França/Sérvia/Montenegro, 2004, 149min



A Valsa com Bashir

Título original: Waltz with Bashir
De: Ari Folman
Género: Animação
Classificação: M/16
Israel, 2008, 90min



O Wrestler

Título original: The Wrestler
De: Darren Aronofsky
Com: Mickey Rourke, Maria Tomei, Todd Barry
Género: Drama
Classificação: M/16
EUA, 2008, 109min

MÚSICA

Até ao final de 2009 e nos primeiros dias de 2010 pode deliciar-se com uma ópera imponente – proposta por António Cabral –, coreografias excepcionais ou concertos inesquecíveis.



Um mês em cheio no Coliseu dos Recreios

Janeiro do início ao fim

MÚSICA

Lisboa recebe o novo ano com o ballet de Tchaikovsky, *Quebra-nozes*, dia 2 de Janeiro, e um concerto da Strauss Festival Orchestra e Ballet Ensemble, que interpretarão títulos do músico austríaco, nos dias 2 e 8. Os franceses Air regressam à capital, dia 16, para mais uma demonstração das suas canções de tendências electro-pop. No dia 17 é a vez de Michael Bolton e no dia 22 dos canadianos, Billy Talent.



Winterreise

16 de Janeiro, e Dose Dupla, todas as 5as de Janeiro a Abril

MÚSICA

Winterreise foi criado por Franz Schubert em 1827 e constitui um dos pontos mais altos da produção para voz e piano do austríaco. Composto para tenor, o ciclo de 24 canções terá a interpretação de Rufus Müller e Maria João Pires. A programação do *Dose Dupla* pretende promover o contacto entre músicos de jazz portugueses e estrangeiros. Desta edição destacam-se Andrea Pozza, Kirk Lightsey, Philip Hamilton e Scott Hamilton.



Orangotango

3 de Janeiro, e Sutra, 22 e 23 de Janeiro

DANÇA

OrangoTango combina o tango tradicional de Gardel, o novo tango de Piazzolla, a improvisação e ainda a música original composta para este projecto de Daniel Schvetz. Outro consagrado coreógrafo, Sidi Larbi Cherkaoui, apresenta o seu novo trabalho inspirado na técnica e espiritualidade dos monges Shaolin. No aclamado *Sutra*, Sidi Larbi colabora de perto com Antony Gormley e com o compositor polaco Szymon Brzóska.



Saharihao: Orion (2002) e Mahler: Sinfonia nº 1, Titã (1886/1896)

MÚSICA

Casa da Música do Porto, dia 16 de Janeiro às 18 horas. Orquestra Nacional do Porto com o Maestro Christoph König
Kaija Saharihao representa o que de melhor nos pode oferecer a música da actualidade. As sinfonias de Mahler são um legado sinfónico tardio do sinfonismo romântico que começou em Beethoven. Nos últimos 50 anos as sinfonias de Mahler têm sido visita habitual dos concertos à escala global. Voltarão em força em 2010, 150 anos do nascimento, e 2011 no centenário da morte. O que provará que Mahler está vivo.



XADREZ

Xadrez & Problemismo

POR LUÍS EUGÉNIO RODRIGUES

O problemismo é uma disciplina de xadrez com um número pouco alargado de praticantes, mas que, graças a um trabalho minucioso e sério obtém resultados bastante curiosos, que desafiam as capacidades dos melhores xadrezistas.

Em Portugal existem, actualmente, três problemistas, Rui Nascimento, José Vinagre e Gabriel Mariz, todos com a particularidade de já terem ultrapassado os oitenta anos de vida, o que não os impede de continuar activos na concepção problemística, o que mais uma vez confirma a excelente ginástica mental que o xadrez dá aos seus cultores, conferindo-lhes longevidade e lucidez.

E até porque é raro aparecerem problemas de autores portugueses nas rubricas de xadrez das publicações nacionais, apresentamos, hoje, um invulgar problema de autoria de Gabriel Mariz, publicado, anteriormente, em 1946, e que o autor, gentilmente, nos cedeu, contribuído, assim, para a divulgação da interessante produção destes autores, completamente, amadores, cuja, única paga é, somente, a paixão do xadrez.



Dona Branca Ópera de Alfredo Keil (1850-1997) sobre um poema de Almeida Garret

TNSC. 27 e 29 de Janeiro às 20 horas e 31 de Janeiro às 16 horas

Alfredo Keil (1850–1907), filho de pai alemão e mãe alsaciana, nascido porém em Portugal, autor da música do Hino Nacional, é também um dos grandes criadores de Ópera em Portugal.

A sua primeira Ópera, “Donna Bianca” (1888), é baseada num poema de Almeida Garrett. A segunda, “Irene”, foi estreado em Turim, em 1893, e depois em Lisboa, em 1896. É também o autor da proclamada primeira Ópera cantada em Português, “A Serrana” (1899), baseada num conto de Camilo Castelo Branco.

Quanto a Dona Branca, agora representada em versão de concerto, ficciona uma história trágica de amor entre a infanta Dona Branca, filha de Afonso III, e o rei mouro dos Algarves, tendo como pano de fundo a reconquista da região. Se a temática heróica e sentimental demonstra alguma lusitanidade, já o recurso ao italiano, como língua operática por excelência da época, frustram a criação autónoma de uma ópera genuinamente portuguesa.

PROBLEMA GABRIEL MARIZ As Brancas jogam e dão mate em 2



Solução: 1. Tb7 Rh6 D1... Dg3 2. Bg5 #1... Cg3 2. Cg4 #4: 1... Dg6+ #2. Cf7

ARTES

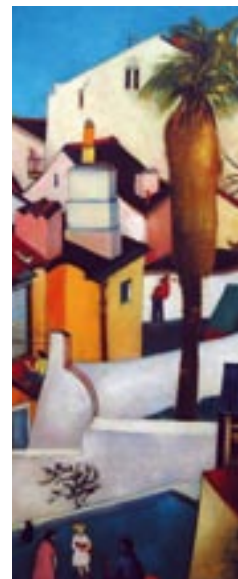
Com a chegada do novo ano, as galerias nacionais vestem-se de gala e brindam-nos com extraordinárias composições artísticas. Siga as nossas sugestões

She Is a Femme Fatale

Até 31 de Janeiro de 2010 no Museu Coleção Berardo

Esta mostra de arte é dedicada exclusivamente ao trabalho de artistas do sexo feminino e parte de uma expressão retirada da canção *Femme Fatale*, do mítico álbum de estreia dos *The Velvet Underground* (1967).

A presente exposição dá a ver um conjunto de obras representativas de um período que vai desde o início do século XX até aos nossos dias. Evoca as transformações operadas em finais dos anos 60 e inícios dos anos 70 onde um grande número de artistas investigam conceitos sedimentados em importantes revoluções sociais, abordando temáticas como a identidade, o género, a sexualidade ou a política. Inclui trabalhos de mais de duas dezenas de artistas, de países como Portugal, Espanha, Brasil, EUA, Finlândia, Suíça, França, Irão e Cuba, e abrange meios como a pintura, a escultura, a fotografia, o desenho, o vídeo, a performance e a dança contemporânea. De Louise Bourgeois a Paula Rego passando, claro, por Nan Goldin e Cindy Sherman.



Desenho a Preto e Branco e a Cores (antologia gráfica, 1958-2009) de Nikias Skapinakis.

16 Dezembro 2009 a 14 Fevereiro 2010 no Centro Cultural de Cascais

Abarcando um largo período da rica produção de obra gráfica de Nikias Skapinakis (1958 a 2009), estará patente ao público, em Cascais, a exposição de 42 trabalhos do renomado pintor de ascendência grega. É merecedor de particular atenção o grupo de 10 ilustrações para a edição de 1958 do romance *Quando os Lobos Uivam*, de Aquilino Ribeiro, onde Nikias utilizou, pela primeira vez, a técnica mista que o caracteriza.

Sobre esta exposição escreveu o próprio artista: “Em 1962 comeci a pintar uma vista de marquises nas traseiras de uma rua de Lisboa. Ao contrário do que habitualmente fazia, não empreguei logo a cor na definição dos planos mas desenhei-os utilizando um óleo acastanhado. Depois, pintei o céu com um azul esverdeado, recortando o perfil dos prédios; preparava-me para introduzir a cor no monocromatismo da composição quando verifiquei que tal não era possível...”. Uma experiência diferente...

TEATRO

Porque não sabemos o que o futuro nos reserva, será melhor aproveitar o que o presente nos oferece. Nos palcos de Lisboa, várias são as peças em cena. Estas foram as nossas escolhas...

Hannah e Martin

de Kate Fodor

Nos anos vinte do século passado, Hannah Arendt, estudante de filosofia, que se tornará referência do pensamento do século XX, e implacável desconstrutora da ideologia nazi, tomou-se de amores pelo seu carismático professor, Martin Heidegger, também ele filósofo, convertido ao nazismo.

Durante os julgamentos de Nuremberga, depois da guerra, Hannah visita Martin. Este encontro entre o antigo reitor da Universidade de Freiburg e a jovem judia, leva-os a reviver o passado.

Hannah e Martin, que parte de um texto de Kate Fodor, é uma peça onde o universo mais íntimo se mistura com a política, a história e a ética, colocando questões pertinentes ao espectador de hoje: Qual é o poder das ideias e que força encerram os ideais de quem tem poder? Qual é a origem da crueldade? E do amor? E da integridade? Será algum dia possível compreender a natureza humana e as suas motivações?

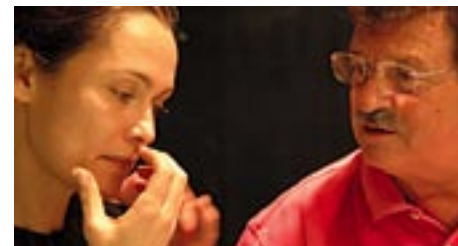
Teatro Aberto – Sala Vermelha

Preço: Normal – 15; € Até 25 anos – 7,5€; Mais de 65 anos – 12 €

Data: De 19 de Dezembro a 28 de Fevereiro de 2010

Encenação: João Lourenço

Interpretação: Ana Padrão, Cátia Ribeiro, Cristovão Campos, Diogo Mesquita, entre outros.



A Cidade

de Aristófanes

“Diz-se que foi na Grécia Antiga que nasceu a Civilização Ocidental e que foi em Atenas, vários séculos antes de Cristo, que nasceu a Democracia. Nas comédias de Aristófanes, por sinal um conservador, no violento e insurrecto humor com que nelas retrata a vida daquela cidade ‘perfeita’, nestes textos escritos há 2.500 anos, fomos encontrar o material para a composição do guião deste espectáculo. É com as confusões e as dificuldades da vida numa sociedade que se quer democrática, a corrupção da sua política, o seu desejo de paz, as suas saudades do campo, a maneira como convive com os seus ‘poetas’, as peripécias sexuais e conjugais que se geram na coexistência do público e do privado (...) que este espectáculo quer brincar”. Estas palavras são de Luis Miguel Cintra, o encenador de *A Cidade*, uma peça que oferece um olhar atento, crítico mas também divertido sobre a forma como vivemos o espaço urbano e as suas valências.



Teatro São Luiz

Preço: €12 a €25 (€5 para menores de 30 anos)

Data: De 14 de Janeiro a 14 de Fevereiro (Quarta a Sábado às 21h e Domingo às 16h) Sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa: 31 de Janeiro, às 16h00

Encenação: Luis Miguel Cintra

Os livros são transversais, marcam a sua época e as que se seguem. Contam as suas histórias, tocam outras tantas. Apresentamos-lhe por isso um mais antigo e outros mais recentes

LEITURAS DE OUTONO



O Dia Antes da Felicidade

Erri De Luca
Bertrand Editora, 2009

Erri De Luca nasceu em 1950, no seio de uma família burguesa de Nápoles. Aos 16 anos partiu para Roma onde se envolveu em movimentos políticos. Trabalhou em várias profissões. Actualmente escreve para várias publicações. Vencedor de vários prémios, é um nome cimeiro da literatura italiana e O dia antes da felicidade tem-se mantido no topo das vendas.

No livro, um menino, de mãe ausente, é criado pelo porteiro que lhe dá um copo de leite pela manhã e um prato quente à noite. Dom Caetano, que também nasceu órfão, é para a criança a descoberta de tudo. Na cave do prédio vive escondido um judeu... Na escola há os pobres e os outros. O fascínio pelos livros, que nem sempre compreende totalmente, ajudam na sua formação. E o menino vai descobrindo a sua sexualidade ao ritmo dos bombardeamentos alemães.

Um livro a ser descoberto, para recuperarmos a confiança na vida e o apreço por um mundo menos bárbaro.



A Montanha de Água Lilás

Pepetela
Leya, 2009

Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. A atribuição do Prémio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona. Da sua vasta obra destacam-se, para além d'A montanha de água lilás, os romances As aventuras de N'Gunga (1973), Mayombe (1980), O cão e os Coluandas (1985), A geração da utopia (1992), Jaime Bunda, agente secreto (2001) e Jaime Bunda e a morte do americano (2003). Em A montanha da água lilás "o avô Bento, em noite de cacimbo à volta da fogueira, nos contou, fumando o seu cachimbo que ele próprio esculpiu em pau especial. Dizia a estória, se passou aqui mesmo, nas serras ao lado, mas pode ser que fosse trazida de qualquer parte de África. Até mesmo do oriente, onde dizem também há água lilás. Se virmos bem, em muitos lados pode ter uma montanha semelhante. Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada." Como diz o autor, uma fábula para todas as idades.



Um Estranho em Goa

José Eduardo Agualusa
Edições Cotovia, 2009

José Eduardo Agualusa nasceu na cidade do Huambo, em Angola, a 13 de Dezembro de 1960. Estudou Agronomia e Silvicultura. Vive entre Luanda, o Rio de Janeiro e Lisboa. Um estranho em Goa é um dos muitos livros que publicou. Aqui ficam duas críticas para ajudar à sua compreensão. Clara Ferreira alves discreve-o como "uma pequena maravilha". "Assim entrei em Goa. Este livro mistura a literatura de viagens com uma aventura exótica, uma espécie de mistério que o autor não deslinda mas que lhe serve de ponto de apoio para mover personagens que enlaçam a Índia e a África com Portugal e o Brasil..." Já Constantino Hermanns Xavier salienta que esta é "uma das obras mais aclamadas e que serviu de redescoberta literária de Goa a milhares de leitores. Nela o autor desvenda a identidade pós-colonial de Goa.

Os grandes livros da segunda metade do séc. XX.
por José Mendonça

O Leitor

O *Leitor* é um livro sobre o amor e a amizade. A história passa-se nos anos 60. Michael, um jovem de 15 anos, apaixonou-se por Hanna, uma mulher de 36 - bela, sensual e secreta - na segunda noite em que se encontram. Juntos vão descobrindo o mundo: passeios de bicicleta, idas ao teatro, longos banhos... O que Hanna mais gosta é que Michael lhe leia em voz alta...

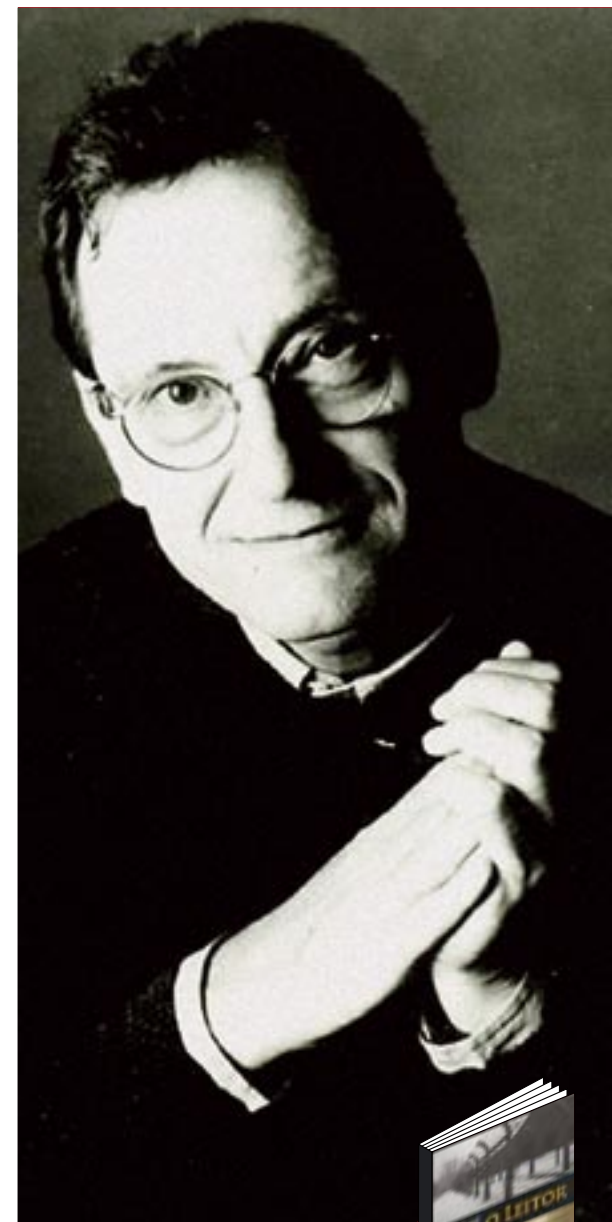
Um dia, de repente, ela desaparece. O corpo de Michael sente a sua falta.

Passam-se 7 anos, Michael tem agora 22 e Hanna 43. O reencontro dá-se no tribunal, onde o jovem é estagiário de advocacia e ela acusada de um crime por ter fechado prisioneiras numa igreja durante um bombardeamento aliado.

Michael descobre então que Hanna não sabe ler nem escrever e grava livros inteiros em cassetes para lhe enviar para a prisão. É lá que, sozinha, Hanna aprende a ler.

O leitor, um dos romances alemães mais aplaudidos de sempre e já transformado em filme, oferece-nos uma reflexão metódica e dolorosa sobre a legitimidade de uma geração, a braços com a vergonha, julgar a geração anterior, responsável por vários crimes. Uma perturbadora meditação sobre os destinos da Alemanha nazi.

O resto fica para si, leitor. Deixo-lhe a terceira parte.



O leitor

Bernhard Schlink
Edições Asa, 1998

O novo ano não tem de trazer só coisas novas. Na arte é sempre tempo de apreciar o que o tempo conserva há muito. Lá fora estarão em exibição peças que o tempo só valorizou...

Louvre, Paris

Turquia no Louvre

De 24-10-2009 a 18-01-2010

A Turquia chegou ao Museu do Louvre em três fantásticas exposições. O destaque vai para uma extraordinária mostra sobre os Túmulos de Anatólia, cidade muito rica em matérias-primas, representada agora por várias sepulturas - Troy, Arslan Tepe, Alaca Hüyük - que destacam o luxo de um dos locais que beneficiaram do desenvolvimento dos fluxos comerciais na Idade do Bronze. Uma selecção de objectos da necrópole (uma placa de ouro, um padrão de bronze, jóias) onde o mobiliário surpreende pela originalidade.



Louvre, Paris

O Louvre convida Umberto Eco

De 07-11-2009 a 08-02-2010

Na sequência de um convite feito a Umberto Eco, o Museu do Louvre apresenta uma exposição de trabalhos gráficos, antigos e contemporâneos, sob o tema *A Lista Vertigo*.

Trata-se de uma lista de raças, cores, lugares, nomes, letras, números, títulos, objetos, plantas, palavras. Uma lista interminável sobre a necessidade de fazer listagens, citações, contagens, triagens, repetições... para memorizar.

A *Lista Vertigo* apresenta a vertigem da arte, da história da arte, da literatura e da música.

Museu Picasso, Barcelona

Imagens secretas. Picasso e as gravuras eróticas japonesas

De 5 de novembro de 2009 a 14 de Fevereiro 2010

A inspiração erótica do autor de *Guernica* pode ter vindo do oriente. Pela primeira vez, o Museu Picasso tem em exibição uma exposição de 19 imagens eróticas japonesas que Pablo Picasso colecionou ao longo da vida. E há coincidências curiosas com algumas obras mais excitantes do espanhol. Parte da obra de Picasso está impregnada de erotismo e sensualidade. Entre 1900 e 1908 e entre 1964 e 1972, o artista recorreu ao erótico explícito e intenso, e se no primeiro período fez anotações e desenhos irreverentes, próprios da sua juventude, nos



últimos quadros há uma grande variedade de perspectivas e de técnicas de representação, que dão mais força às imagens. Percebeu-se agora de onde veio a inspiração do artista...

Sugestões calmas para o começo de 2010: visitar alguns edifícios emblemáticos, ir a exposições ou concertos... Há quanto tempo não vai ao Porto? Eis as sugestões de Maria João Duarte

VISITAS E EXPOSIÇÕES

Percorra a cidade e delicie-se com estas mostras

No Palácio da Bolsa, construído em 1842 pelos mercadores portuenses e edifício de grande variedade de estilos arquitectónicos, realizar-se-á a *Essência do Vinho*, onde os visitantes poderão experimentar e saborear vinhos de todo o mundo e colocar questões a alguns especialistas, havendo espectáculos de música ao vivo e exposições. O vinho pode ser potenciado pela gastronomia: a *Essência do Gourmet* dá-lhe todas as orientações pela mão de chefes, nacionais e estrangeiros (www.essenciadovinho.com) A 20 de Janeiro realiza-se aí o 1º concerto do Festival de Música (Piano e Violino). Projectada pelo engo J. Colson (1859) e inaugurada em 1869, a Alfândega Nova tornou-se sede do Museu de Transportes e Comunicações depois de uma remodelação pelo arq. Souto Moura. O 10 edifício da alfândega (Alfândega Velha) passou a designar-se por Casa do Infante pois constava que aí tinha nascido o Infante D. Henrique em 1394. Faça um “dois em um”: vá à Alfândega Nova e, nas “Terças às Três”, aproveite a visita orientada à Casa do Infante. Nesse local poderá ver a Exposição “O Porto oitocentista nas gravuras da colecção Monteiro de Andrade”. Visite igualmente o Edifício dos Paços do Concelho (dois 1ºs Domingos do mês 10h/11h30), o Museu Soares dos Reis (exposição de arte contemporânea no contexto ibérico “Faraway...so close”) e a Casa-Museu Guerra Junqueiro (exposição “A Virgem e O Menino, A humanização na arte”).



TEATRO E MÚSICA

Sente-se e aprecie um belo espectáculo

Se preferir música, lembre-se que, no sábado 2 Janeiro, estarão à venda as assinaturas da Casa da Música para a próxima temporada.

No Rivoli, F. La Féria apresenta a *Feticeiro de Oz*, baseado na obra de L. F. Baum (até 28 Feb). Na Casa da Música tem: “A Viagem de Inverno De Schubert” (19 Jan), música antiga e Brahms (24 Jan) e “O ano de 1910” (31 Jan 18h) e no Coliseu do Porto o “Concerto Aranjuez para Guitarra e Orquestra de Rodrigo” (24 Jan).

Porque só temos a ganhar com as sugestões dos nossos pares, os colaboradores da BETAR têm divulgado as suas preferências

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Jim Sheridan

Meu pé esquerdo

Um pé selecciona um disco de vinil de uma estante, retira-o da capa, coloca-o sobre o prato do gira-discos, segura na agulha e pousa-a sobre o disco. Nesse instante, a câmara desvia-se do pé, começa a subir, até ser totalmente visível a imagem de um homem sentado numa cadeira de rodas, numa postura desajeitada, sendo o aposento inundado pelo canto do tenor na ária “un’aura amorosa” da ópera “Cosi fan tutte” e, novamente a imagem do pé, a preencher todo o écran, no acompanhamento da música. Dá-se assim início à história de vida de um homem, um artista, com uma mente genial, num corpo aprisionado por uma paralisia cerebral, incapaz de comunicar ou controlar os movimentos do seu corpo, e cujo único elo de ligação entre o cérebro e o corpo é o seu pé esquerdo.

É esta a cena inicial, e em jeito de epílogo, do filme “My left foot”, no original, realizado por Jim Sheridan, em 1989, e protagonizado por um extraordinário Daniel Day Lewis, no papel de Christy Brown.

Escolhi este filme, de entre vários filmes marcantes que ao longo dos anos fui visionando, exactamente pela intensidade de emoções que despertou em mim, nas duas vezes em que o vi, separadas por mais de uma década e também, pela minha própria história de vida. Ao longo dessa década a paralisia cerebral passou a fazer parte do meu dia-a-dia e, nesta história real, contada na primeira pessoa, revejo o retrato da difícil luta travada por uma criança com paralisia cerebral em se fazer entender pelos outros, em mostrar que, por detrás daquele corpo que não obedece, que se mexe de uma forma esquisita, cujo rosto se transfigura em estranhos esgares, atravessado por ruídos guturais quando algum som quer transparecer uma emoção, ou uma vontade, existe um ser inteligente e curioso que tem necessidade de brincar como qualquer um dos irmãos ou como qualquer outra criança.

A história do filme, contada em “flashbacks”, atravessa as vivências de Christy Brown, desde a infância até à afirmação como artista e escritor na idade adulta, passando pelas crises da adolescência, pela coragem e determinação de ver realizados os seus sonhos, pelas frustrações dos amores não correspondidos, materializados na pessoa da sua médica terapeuta. Em toda a história é transversal a importância da família no desenvolvimento das potencialidades de Christy, principalmente na figura de sua mãe, interpretada por uma espantosa Brenda Fricker, que sempre acreditou que aquele seu filho diferente era especial e que valia a pena lutar por ele e com ele. Este filme, divertido e comovente, transporta-nos para o mundo de um ser aparentemente diferente, mas tão igual a todos os outros.



Um livro da minha vida

MARIA JOÃO C. DUARTE

Da ‘Aventura dos Cinco’ a Ballester e Zafón, passando por P. Auster

Chegou a minha vez de falar de “um livro da minha vida” e, como tem aqui sido dito, não há “um” livro da e na nossa vida... E ainda bem, porque quase todos os livros que li me têm dado imenso prazer e conhecimentos! Fui às minhas estantes e percorri as lombadas: quantas lembranças, que vontade de reler alguns deles, mas qual escolher? E fui tirando não um, mas muitos... É por isso que não irei falar de um mas de alguns livros que correspondem a fases do meu crescimento, à minha vida.

Começarei pela grande alegria que tive em receber, pelos meus 9-10 anos, um presente fantástico: a colecção da “Aventura dos 5” da Enid Blyton. Penso que prendas como essa, só a caixa das 100 “Piratas” (pastilhas elásticas) que me fez ingressar directamente no Clube Pirata! Depois, na adolescência, vieram os grandes romances com Tolstói (ainda cruzo às vezes o príncipe André, a Natacha e o Pedro da “Guerra e Paz”) ou com Steinbeck (estes tão intensos e agora tão actuais quando falamos da “crise”), entrecortados pelo... Asterix! Nesse período, atravessado pelo 25 de Abril, os problemas filosóficos debatiam-se com fervor e era preciso alimentar o nosso saber e curiosidade. Marcaram-me o pacifismo de Artur Koestler no “A Oeste Nada de Novo”, a postura de Hemingway, as denúncias de Artur Koestler no “Zero e o Infinito” e a imaginação de Gabriel G. Marques. E chegamos aos anos 90, menos tempo mas ainda muita vontade e necessidade de ler. Descubro os autores espanhóis e delicio-me com a saga de Ballester na trilogia “Os prazeres e as sombras” (que relata as tensões entre personagens e sociedade feudal versus mundo industrial e proletário em Puebalnueva, Galiza, no tempo da República) e com a Blimunda do “Memorial do Convento” de Saramago. Hoje, em 2009, marcou-me o “Homem na escuridão” de Paul Auster, história parecida com a de Chico Buarque em “Leite derramado” (em ambos, um homem idoso, acamado, conta-nos, de modo muito diferente, episódios do seu passado) e um belíssimo livro de 4 histórias comoventes sobre a Guerra Civil de Espanha, “Os Girassóis Cegos” de Alberto Méndez.

Que livro vos daria agora para ler? Para além dos acima citados, que tal “A sombra do vento” seguido do “Jogo do Anjo” de Ruiz Zafón, que dificilmente largarão sem acabar, acompanhado do “Guia da Barcelona de Carlos Ruiz Zafón” de Sergi Doria?



O Homem na Escuridão

de Paul Auster
ASA



BETAR

**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



*Painéis do artista plástico
Yonamine, localizados no átrio
principal do edifício*

SKY CENTER – O ponto alto de Luanda

Inauguração do Edifício Escom, em 22/09/2009